



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## “LUGAR DE MAIS VELHXS”

### UMA OBSERVAÇÃO FENOMENOLÓGICA DOS LIMITES ESPACIAIS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ *TUMBA NZO JIMONA DIA NZAMBI*

AISHA – ANGÉLE LEANDRO DIÉNE<sup>1</sup>

IYAROMI FEITOSA AHUALLI<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é trilhado a partir de uma análise etnográfica sobre alguns espaços que constituem a “arquitetura de terreiro”. O elo fenomenológico decorrente da relação indivíduo e espaço nos limites físicos do terreiro de candomblé, esboça uma relação hierárquica que perpassa pelo conceito de restrito e coletivo, o qual norteia a análise deste artigo. O espaço aqui, é entendido não somente pela perspectiva geográfica, mas também pela dimensão existencial em que o liminar “fora - dentro” apresenta-se como uma dualidade formada a partir do “íntimo”, correlacionando de maneira fenomenológica esse espaço e o pertencer a ele.

**Palavras-chave:** Arquitetura religiosa; Terreiro de Candomblé; Fenomenologia; restrito e coletivo; indivíduo e espaço;

## Introdução

Antes de decorrer as análises presentes neste artigo, é de suma importância esclarecer o desenvolver metodológico da produção do mesmo. A priori, a dificuldade de acesso a bibliografias que tratassem de arquitetura de terreiro como objeto de análise foi tratada como um reflexo da dificuldade da arquitetura de identificar a formação de terreiro como uma arquitetura legítima, que pode ser estudada. Para além desta dificuldade demonstrar os caminhos arquitetônicos, tornou o formato do texto com uma necessidade expressa de uma presença contínua da descrição etnográfica sobre o espaço e suas formas de interação e circulação de pessoas. Metodologia, esclarecida, pode-se dar início ao desenvolvimento do artigo.

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista (CAU nº228210-0) graduada pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB; Mestranda em Antropologia Social – PPGAS/DAN/UnB; membra do corpo editorial da Revista Calundu (<http://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/index>) e aluna extensionista do projeto “Diálogos Comunitários Calunduzeiros” – SOL/ICS/UNB .

[aisha.diene@gmail.com](mailto:aisha.diene@gmail.com)

<sup>2</sup> Iyaromi F. Ahualli – Antropóloga formada pela Universidade de Brasília - UnB; Editora da Revista Calundu (<http://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/index>); graduanda em Direito pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB e aluna extensionista do projeto “Diálogos Comunitários Calunduzeiros” – SOL/ICS/UNB.

[ifahualli@gmail.com](mailto:ifahualli@gmail.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Calundus<sup>3</sup> existiram desde o Brasil colonial, tendo sido predominantemente rurais até o século XIX. Deles derivam os terreiros de candomblé, cujos primeiros registros se deram no meio urbano na cidade de Salvador, Bahia, apesar de o Brasil ser predominantemente rural até meados da década de 70 do século XX.

A existência desses espaços no meio rural significava, além do acesso à natureza – essência daqueles cultos –, também uma forma de se resguardar.

Já no início do século XX, os terreiros de candomblés eram valorados enquanto territorialidades negras das cidades baianas, reafirmando identidades culturais diferentes e aglutinando as populações excluídas, esses espaços passaram a assumir o papel do poder público na educação, saúde, alimentação e até mesmo enquanto moradia, à essas populações (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004).

Não obstante, a construção de um terreiro de candomblé passa por resgates históricos, não somente da trajetória específica de cada terreiro, mas também da (re)construção da linha ancestral que o compõem, tendo em vista que cada terreiro descende de um povo ou uma *família de candomblé*<sup>4</sup> que lhe antecede, herdando consequentemente sua forma de culto. A propósito, Pierre Verger (2000) afirma que candomblé “é o nome dado na Bahia às cerimônias africanas. Ele representa, para seus adeptos, as tradições dos antepassados vindos de um país distante, fora de alcance e quase fabuloso. Trata-se de tradições, mantidas com tenacidade, [...]” (2000, p. 24).

É partindo deste amplo cenário que se inicia a análise sobre a relação fenomenológica existente entre os espaços delimitados fisicamente enquanto restritos e coletivos que compõem o terreiro de candomblé e o efeito de pertencimento que essa dualidade causa no indivíduo que circula esses espaços. Na teoria da arquitetura, a fenomenologia propõe um resgate às coisas, um fenômeno causado, por exemplo, por uma agradável memória ou mesmo a sensação de pertencimento ocasionada pelo espaço em que se está

---

<sup>3</sup> Festas ou celebrações de matriz afro com origem ou caráter religioso, acompanhadas de canto, dança, batuque e que geralmente representavam um pedido ou consulta a divindades ou entidades sobrenaturais.

<sup>4</sup> Termo designado à família constituída dentro ou por meio da religião afro-brasileira Candomblé.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

(SCHULZ, 2006). Assim, entende-se como espaço não apenas a dimensão geográfica, mas também a dimensão existencial, em que o “fora-dentro” apresenta-se de forma dual formada a partir do “íntimo”, compreendendo-o ainda enquanto uma epistemologia existente no “espaço-entre” ou ainda “o espaço como pura extensão” de si, como descreve Martin Heidegger (2012), ao analisar filosoficamente o homem e o espaço como algo indissociável.

### **In(ser)ida**

O olhar de dentro, não se trata aqui, apenas de um olhar participante, ou de um campo antropológico distante, fala-se do olhar de pessoas iniciadas nos candomblés baianos brasileiros de Nação Ketu e Angola. Enquanto participante efetiva e familiarizada com toda a dinâmica do candomblé, foi não só um trunfo, mas um desafio, na medida em que é preciso, em algum momento, distanciar-se para melhor compreensão daquilo a que se propõe analisar.

O terreiro *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi* está localizado a aproximadamente 60 km do centro da Capital Federal, no município de Águas Lindas de Goiás, imerso no setor de chácaras conhecido como *Quinta das Águas Bonitas*. Foi fundado em 2007 pelo sacerdote *Tata Ngunz'tala* e descende de uma raiz<sup>5</sup> tradicional de candomblé da Bahia.

Enquanto iniciada-observadora, procurei perceber a lógica na dinâmica espacial interna da circulação das pessoas e dos acessos, e como a concepção do “íntimo” perpassa pela noção espacial que o indivíduo constrói diante desse, seja no contexto coletivo ou restrito.

A dinâmica de permeabilidade nas edificações em um terreiro de candomblé, na prática, muitas vezes se define em espaços físicos que são de acesso restrito, normalmente utilizados somente por adeptos da religião já iniciados, como é o caso do *roncó*<sup>6</sup>. Mas

---

<sup>5</sup> Raiz é a designação à matriz que origina outras casas de candomblé. Neste caso, a raiz é *Tumba Junsara*, casa de candomblé de Angola, fundada em 1919 na Bahia.

<sup>6</sup> Quarto sagrado que somente os iniciados podem acessar.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

também existem espaços físicos *liminares* que podem ser acessados por não iniciados e visitantes sob a supervisão de um mais velho, como os *quartos de santo*<sup>7</sup>. E tal qual este último, o barracão<sup>8</sup> se mostrou não só como um espaço liminar, mas como o principal mediador entre a comunidade de terreiro e a comunidade externa na qual está inserido o terreiro.

Assim, dessas perspectivas, surgiram muitas indagações. As fronteiras impostas fisicamente pelas edificações impedem aqueles indivíduos de se sentir pertencentes ao espaço? Os visitantes que permeiam os espaços coletivos se sentem pertencentes ao espaço religioso em sua totalidade, ou somente aqueles que transitam pelos espaços restritos têm esse sentimento? Eis o intento deste artigo: buscar refletir sobre a relação de interação entre o indivíduo e o meio no qual ele está inserido e o consequente valor gerado por esse processo. Deste modo, se iniciaram as buscas por tais respostas.

### **Arquitetura que (re)existe**

A maioria dos terreiros de candomblé na região do Distrito Federal se encontravam<sup>9</sup> nas chamadas “cidades satélites<sup>10</sup>” e no entorno (GO). Para esses terreiros, o estar “fora” da composição das cidades não é apenas uma necessidade de manter contato com a natureza, mas também uma forma de resistência e estratégia de preservação dos mesmos. Ressalte-se que os terreiros de candomblé migraram para as periferias dos centros urbanos, sobretudo para as áreas rurais, como forma de preservação do culto. Porém, com o desenvolvimento das cidades e o consequente crescimento territorial, esses espaços foram alcançados por essa expansão, fazendo parte dessa nova configuração urbana. A esse respeito, Vagner Gonçalves da Silva (1995) afirma:

---

<sup>7</sup> Construções específicas onde permanecem os objetos que representam as divindades; uma espécie de capela.

<sup>8</sup> Espaço amplo, espécie de salão onde são realizadas as cerimônias públicas.

<sup>9</sup> A pesquisa de campo foi realizada em meados do ano de 2018.

<sup>10</sup> Bairros que se localizam no raio de extensão da “Brasília central” ou Plano Piloto. São consideradas como pequenas “cidades” por se localizarem além do cinturão que considera e isola a cidade de Brasília.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Na luta pelo que pode ou não existir na cidade (no mundo real ou imaginário que ela representa), a presença física e institucional do terreiro foi motivo de grande perseguição e de resultados positivos de suas estratégias de permanência cultural discriminação social. Porém, atualmente, não restam dúvidas do número crescente de terreiros que se espriam pelas grandes cidades brasileiras. (1995, p. 165).

Ao adentrar o setor de chácaras, conhecido como *Quinta das Águas Bonitas* na cidade de Águas Lindas de Goiás, foi notória a negligência do Estado com a região. No trajeto até o terreiro, vislumbrou-se uma área asfaltada, em que se concentravam pequenos comércios, escolas e bares acomodados nas varandas que compõem a fachada principal de algumas casas. Os primeiros olhares em busca do terreiro *Tumba Nzo Jimona ria Nzambi* se formaram após uma fina chuva. Um grupo de crianças paravam a brincadeira na porta de casa para olhar quem passava naquele momento na rua de terra que dava acesso às suas casas.

Terminado o asfalto, seguiu-se por cerca de 3 km de estrada de terra até chegar ao terreiro.

O caminho percorrido foi preenchido por pequenas chácaras, plantações de milho, o som do carro ecoando dentro da garagem de uma das casas embalando o sábado. Alguns moradores ajudavam um carro atolado em meio à lama, outros ajudavam colocando tábuas nos vários buracos da estrada e um vale verde ao horizonte complementa e conduz a paisagem. Não tão distante avisto, ao alto, uma *bandeira branca*<sup>11</sup> indicando que ali existe um terreiro de candomblé de Nação Angola.

### Arquitetura hierarquizada

Logo mais à frente uma placa com a descrição “Associação Vida Inteira. Candomblé de Angola e rito *Tumba Junsara*” indicava a entrada. As portas do terreiro mostravam-se

---

<sup>11</sup> Toda casa de candomblé de Angola mantém uma bandeira branca hasteada, simbolizando a divindade *Kindembu*, cuja representação energética é o tempo das coisas, seja ele climático, cronológico, histórico ou psicológico.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

como a divisória das relações sociais externas e internas a ele, assim como os próprios espaços que o compõem.

Ao entrar, logo à direita algumas plantas acomodavam os segredos do inquice<sup>12</sup> que é considerado o guardião da porteira. Adiante, uma primeira construção se sobressaia; uma pequena casa em vermelho e branco que se estendia através de uma varanda até os pés de uma grande árvore. Ali também morava o inquice *Mpambu Njila*, considerado dentro da tradição dos candomblés de Angola o *Senhor guardião dos caminhos* e de todo movimento da vida. O trânsito de pessoas dentro desta pequena casa era, como as demais, permeado pela lógica hierárquica do terreiro. Nem todos os adeptos tinham permissão para transitar pelo local, tampouco para participar dos cultos que ali aconteciam. Ali a passagem era restrita!

Alguns passos após a citada casinha, o ambiente convidava à completa imersão na natureza. Algumas árvores embelezavam um grande espaço aberto, uma espécie de praça que ficava no centro do terreiro, por onde todas as pessoas transitavam ao entrar e sair. Ali também era um espaço coletivo e ritualístico a que todos tinham acesso, considerando que todo o espaço do terreiro é ritualístico<sup>13</sup>.

Havia um pequeno balanço nessa grande praça central, amarrado por cordas a uma das primeiras árvores plantadas ali, balanço onde as pessoas costumavam socializar e *resenhar*<sup>14</sup>. Não é um lugar onde somente as crianças brincavam, mas um lugar usado também para que as pessoas fizessem a manutenção das suas relações no terreiro. Um espaço público no coração do terreiro que recepcionava todas e todos que por ali passavam. Dali podia-se ver o barracão em toda a sua plenitude e dualidade espacial: o restrito-coletivo contido num só espaço.

O barracão é uma espécie de salão onde a maioria dos ritos abertos acontecem e por onde a maioria dos ritos fechados perpassam. É a própria composição da comunidade,

---

<sup>12</sup> Aportuguesamento da forma quimbundo *Nkisi*; denominação usada para as divindades da cosmogonia banto nos candomblés de Angola.

<sup>13</sup> Visto que o espaço do terreiro é consagrado à determinada divindade, todo o espaço é ritualístico.

<sup>14</sup> Prática do “povo de santo” que consiste em conversar sobre os acontecimentos cotidianos da rotina do terreiro.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

a sala de estar em uma casa onde somente os mais íntimos e familiares conhecem os demais cômodos. Todos transitavam por esse espaço, mas nem todos transitavam por todas as partes internas que o compõe. No centro do barracão, tanto no chão quanto no teto, estava uma espécie de representação de umbigo do terreiro, que o liga a todas as casas, pessoas e inquices que lhe antecederam.

Assim, o barracão é também um espaço público que abriga não somente a comunidade do terreiro, como também a comunidade não adepta daquela liturgia; é um espaço ritualístico aberto a quem pertence à lógica do candomblé e a quem não transita pelo mesmo. E também é um espaço político, posto que simbolicamente é o espaço [dentro do espaço] da resistência do candomblé por excelência.

Imediatamente ao lado do barracão, uma grande casa acomodava quartos, banheiros e uma pequena cozinha, um amplo espaço com uma longa mesa no centro acomodava o lugar para as refeições de toda a comunidade, tendo como plano de fundo um grande fogão à lenha em que se faz a comida servida para todos e também quando necessário, o preparo das comidas ritualísticas. Atrás, uma outra cozinha destinada apenas para o preparo das comidas “de santo”, ou melhor, comidas ritualísticas que são oferecidas para os inquices.

Destaque-se que as cozinhas se mostram enquanto partes primordiais na composição da arquitetura dos terreiros, posto que ali, a alimentação obedece à lógica *ritualística*. E como todo rito envolve o alimento, este é parte essencial para a constituição e manutenção do sagrado e para a alimentação comunitária.

### **“Espaço de terreiro” – a reconstituição de uma cosmologia**

A concepção construtiva e a lógica espacial de um terreiro busca ser um espaço que acomode não somente as divindades, mas também aqueles que buscam um lar, trazendo para dentro dessa espacialidade litúrgica o conceito de acolhimento, enquanto um valor pessoal. Para Verger, o “candomblé torna-os membros de uma coletividade familiar, espiritual, para a qual são atavicamente preparados. Essa forma de organização



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

social proporcionava-lhes uma segurança e uma estabilidade que nem sempre reencontraram em nossa civilização” (VERGER, 2000; p. 24).

O espaço dito de *Terreiro* surge com a perspectiva de ser não somente uma grande família, que acolhe, cuida e agrega, mas também um espaço que possui a função mantenedora de uma memória e das tradições de matrizes africanas ou das já aqui modificadas, como as afro-brasileiras, criadoras de um sistema adaptativo onde a percepção espacial dos locais ditos como órgãos principais do funcionamento do terreiro, perpassam por determinada cosmologia de fluxo. Deste modo, os espaços escolhidos para melhor visualização do comportamento hierárquico espacial refletido na permeabilidade espacial foram: a cozinha, o barracão e os quartos de santo.

### *Cozinha*

A cozinha pode ser considerada o espaço-coração do terreiro, se mostrando como um espaço de uso coletivo, mas dominado pelos *mais velhos*. O alimento nesse contexto religioso assume a mais completa importância, por ser o principal mantenedor energético que conecta o indivíduo e os deuses, ritualisticamente chamado de *Axé*<sup>15</sup>.

A chamada *comida de santo*, feita para os deuses, são de domínio dos *mais velhos* - considerados mais experientes e detentores de alguns segredos. Sendo a comida de consumo geral da comunidade, feita por qualquer um dos indivíduos, não apresentando obrigatoriedade iniciática, contudo o rito alimentício, sendo este advindo de uma pessoa iniciada ou não, é considerado ritualístico e como forma de socialização (Do Nascimento, 2015).

Por ser um ponto pulsante do terreiro e apresentando funções ritualísticas e não ritualísticas, a permeabilidade nesse espaço coletivo se mostra dúbia em suas funções, e irrestrita em sua circulação.

### *Barracão*

---

<sup>15</sup> Logística energética circuncêntrica que administra todas as *coisas*.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Um grande salão onde os inquices dançam e recebem a comunidade externa marca a sutil fronteira da comunidade civil e religiosa. Em uma habitação, esse espaço assumiria o ambiente de uma sala de estar, onde visitantes e moradores interagem.

Nele, os deuses vêm a público dançar e interagir com os visitantes, celebrados publicamente com grandes festas. Porém, nem todos seus ambientes são permeáveis por aqueles que não são iniciados, ou que não são de *santo*. Esses últimos conhecidos como *Ndumbis* ou *Abian*, são membros do terreiro, porém, ainda não iniciados religiosamente, portanto não incorporam a estrutura genealógica sendo todos esses pertencentes à uma única esfera de hierarquia diante dos *irmãos de santo* iniciados.

#### *Quartos ou Casas de santo*

Adentrando um pouco mais nessa paisagem foi perceptível outras partes que esse espaço litúrgico acomodava. Essas pequenas edificações de tipologia arquitetônica objetiva e funcional, localizadas na área externa do terreiro foram desmembradas do corpo do Barracão, porém, incorporam a paisagem ao seu redor.

Estas são edificações mais reservadas, fazem parte de um plano que já não era espontâneo e livremente acessado, sendo permeado na maioria das vezes somente por pessoas iniciadas que iriam desempenhar alguma função em seu interior. Não era, portanto, um espaço de livre circulação, mas um espaço físico restrito, ainda que fizesse parte do terreiro. Isto porque há uma lógica presente na arquitetura de cada espaço que não diz respeito somente as demandas por espaços físicos usuais, como cozinhas, banheiros, dormitórios, etc.; a estrutura espacial também perpassa pela hierarquização de alguns espaços, sendo a estrutura física um delimitador material e concretamente expresso da hierarquia do *candomblé*.

Esse espaço tido como um espaço *tabu*<sup>16</sup>, que em geral são lugares “guardados” para os fluxos das pessoas *mais velhas*, guarda diversos objetos e utensílios sagrados de uso restrito dos iniciados (LODY, Raul; p.18). Nele a permeabilidade perpassa pela ordem

---

<sup>16</sup> Ambiente que acomoda pequenas louças de barro ou de porcelana que simbolizam a energia do *Nkisi/Orixá* de cada filho da casa.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

iniciática e mesmo assim, os membros iniciados *mais novos* precisam ir acompanhados por alguém *mais velho*.

## Conclusão

A estrutura espacial do terreiro de candomblé comporta diversas edificações: barracão e suas subdivisões, casas de santo, cozinha, quartos e espaços a céu aberto utilizados para circulação, interação e lazer. Tudo faz parte do espaço religioso que configura a comunidade de terreiro. Estando a circulação, subordinada à uma lógica própria que compõe os diversos elementos litúrgicos (como a hierarquia, por exemplo) e a noção de pertencimento (sendo um elemento subordinador da circulação), enquanto um valor pessoal resultante da interação indivíduo-meio.

Uma breve reflexão abordada no decorrer desse artigo, buscou não somente analisar fenomenologicamente as relações restrito e coletivo presente nesses espaços, mas também o efeito de pertencimento motivado por essa dualidade enquanto uma noção sensorial de pertencimento que perpassa pelo limite físico espacial, uma vez que esse sentimento ultrapassa as barreiras físico-espaciais.

O íntimo se mostrou um qualificador dos sentimentos de “ser” e “pertencer” à sua dimensão existencial (HEIDEGGER, 2012). Implicitamente à formação do íntimo e correlacionado à transitoriedade nos espaços, temos a receptividade e o acolhimento que o espaço de terreiro oferece à comunidade que nele se insere e que a ele recorre. O restrito se define pelas barreiras físicas e ritualísticas dos espaços, além das hierárquicas. O coletivo integra a composição dos terreiros de candomblé, que se reveste, também, por comportamentos de solidariedade que alimentam a noção de comunidade. Tais elementos criam uma composição espacial onde ritual e construção afetiva caracterizam o espaço.

Portanto, da conjunção das relações com as disposições espaciais descritas pelas análises arquitetônica e etnográfica, é possível perceber que a categorização do espaço enquanto íntimo e “público” na constituição do coletivo, transparece a cosmologia



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ritualística e sensorial, onde a divisão dos espaços à partir das concepções ritualísticas caracterizam a hierarquização espacial; e a cosmologia sensorial se entrelaça à hierárquica, compondo a percepção individual do espaço, do fluxo, das construções e dos contextos sociais.

## **Bibliografia**

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. *Racismo, direito e cidadania*, em *Estud. Av.* vol.18 no.50 São Paulo Jan. Apr. 2004.

DA MOTTA LODY, Raul Giovanni. *Candomblé: religião e resistência cultural*. Editora Atica, 1987.

do Nascimento, Wanderson Flor. "Alimentação socializante." *Das Questões* 1.2., 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. In:\_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão et al. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 125 - 142.

SCHULZ, Christian Norberg. *O fenômeno do lugar*. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P.444 – 459.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás na metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos orixás e Voduns na Bahia de todos os santos no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. / Pierre Verger: tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura – 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.